

EFEITOS DA MUSICOTERAPIA EM IDOSOS COM ALZHEIMER: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Maria Eduarda Souza Mendes¹

Maria Eduarda Silva Lima²

Fabiano Henrique Farias Carneiro³

Nicole Fagundes Oliveira⁴

Sarah Moreira Borja⁵

Resumo: A Doença de Alzheimer é uma condição neurodegenerativa que afeta principalmente idosos, sendo responsável por perdas progressivas de memória, alterações comportamentais e comprometimento funcional. Diante da ausência de cura, cresce o interesse por intervenções não farmacológicas que favoreçam a qualidade de vida. Entre elas, a musicoterapia tem sido investigada como estratégia complementar de cuidado. Este trabalho realizou uma revisão de literatura com o objetivo de analisar os efeitos da musicoterapia em idosos com Alzheimer. A busca foi conduzida nas bases SciELO, PubMed e Google Acadêmico, considerando publicações dos últimos doze anos (2013-2025), em português ou inglês, que incluíssem especificamente essa população. Os estudos analisados apontaram benefícios consistentes da musicoterapia, com destaque para a melhora de aspectos cognitivos, como atenção e memória, além da redução de sintomas comportamentais, incluindo agitação, ansiedade e depressão. Também foram relatados efeitos positivos na comunicação, interação social e fortalecimento do vínculo entre pacientes, familiares e cuidadores. A diversidade de protocolos utilizados evidencia a flexibilidade dessa intervenção, embora a heterogeneidade metodológica e o tamanho reduzido de algumas amostras representem limitações. De forma geral, os resultados indicam que a musicoterapia contribui de maneira significativa para o bem-estar de idosos com Alzheimer, configurando-se como prática terapêutica segura, eficaz e humanizada, que pode ser integrada ao tratamento multiprofissional.

¹Discente do curso de medicina do Centro Universitário de Mineiros - Unifimes - Campus Trindade mariaemendes24@gmail.com

²Discente do curso de medicina do Centro Universitário de Mineiros - Unifimes - Campus Trindade

³Discente do curso de medicina do Centro Universitário de Mineiros - Unifimes - Campus Trindade

⁴Discente do curso de medicina do Centro Universitário de Mineiros - Unifimes - Campus Trindade

⁵Docente do curso de medicina do Centro Universitário de Mineiros - Unifimes - Campus Trindade

Palavras-chave: Alzheimer. Idosos. Musicoterapia. Reabilitação Cognitiva. Qualidade de Vida.

INTRODUÇÃO

A doença de Alzheimer (DA) é a forma mais comum de demência em idosos, caracterizada como uma condição neurodegenerativa, progressiva e irreversível. Os sintomas mais prevalentes incluem falhas na memória recente, problemas de linguagem e comportamentais, além de atrofia cerebral e acúmulo anormal de proteínas Beta-amiloide e TAU no cérebro (Reis; Marques, 2022).

Diante do aumento progressivo de casos e da baixa resposta à terapia medicamentosa, tem se evidenciado a necessidade de buscar formas alternativas de tratamento que possam complementar os esquemas terapêuticos tradicionais. Nesse contexto, a musicoterapia destaca-se como um recurso terapêutico não farmacológico promissor e benéfico.

Nesse contexto, segundo os estudos de Martins, a música promove benefícios no campo cognitivo, emocional e social, ativando regiões cerebrais, promovendo a neuroplasticidade e retardando o declínio cognitivo. A prática musical tem demonstrado ser eficaz na melhoria de sintomas comportamentais, como a ansiedade e a depressão, além de auxiliar na preservação de habilidades de socialização e expressão. O uso da musicoterapia também contribui para a melhora do humor e da qualidade de vida dos pacientes com DA (Martins; Passos, 2021).

Diante do impacto crescente da DA e da necessidade de estratégias terapêuticas inovadoras, torna-se essencial reunir e analisar evidências sobre os efeitos da musicoterapia nesse contexto. Assim, este resumo expandido apresenta uma revisão de literatura acerca do tema, com o objetivo de discutir as contribuições da intervenção musical para a qualidade de vida de idosos acometidos pela Doença de Alzheimer (Peixoto; Amâncio, 2023).

METODOLOGIA

O resumo presente trata-se de uma revisão integrativa de literatura, com natureza básica e teórica, utilizando-se como base informacional textos científicos. Diante disso, a pesquisa contém uma análise concisa e uma discussão segura do tema abordado. Foram utilizadas como fonte de informações plataforma de dados indexados SciELO, PubMed e Google Acadêmico. Para uma seleção metódica, foram utilizados descritores “Musicoterapia” e “Alzheimer”

adjunto do operador booleano “AND”. O intervalo temporal para busca foi limitado aos últimos 12 anos, publicados de 2013 a 2025, com restrição linguística para português e inglês. Ademais, foram excluídos artigos que tinha como aspecto objetivo a musicoterapia como tratamento não farmacológico em relação a outras patologias sem relação com a do Alzheimer.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante dos critérios de inclusão e exclusão já descritos, foram selecionados 5 artigos discutidos a seguir:

A análise dos estudos evidencia que a musicoterapia vem se consolidando como recurso não farmacológico promissor no cuidado a pessoas com Doença de Alzheimer (DA). Ainda assim, a legitimidade científica da prática encontra barreiras importantes, principalmente ligadas à heterogeneidade metodológica e ao predomínio de amostras pequenas. Essa limitação não invalida os achados, mas obriga a uma interpretação cautelosa. O que se observa, de modo geral, é que os efeitos descritos extrapolam a esfera cognitiva e incluem ganhos emocionais, sociais e relacionais, um aspecto relevante quando lembramos que os fármacos disponíveis apresentam alcance limitado (Melo, 2014; Sobral, 2018; Caldeira, 2024).

Um dos pontos mais consistentes na literatura é a relativa preservação da memória musical, mesmo em fases avançadas da demência. Isso ajuda a explicar por que canções familiares podem reativar lembranças, facilitar a comunicação e provocar respostas emocionais intensas. Diversos relatos descrevem idosos que, já incapazes de reconhecer familiares, ainda conseguiam cantar músicas da juventude. Entretanto, esse efeito não é universal: trabalhos como os de Peixoto (2023) e Neves (2018) indicam que os resultados tendem a ser mais nítidos em estágios leves e moderados, tornando-se mais esporádicos em fases graves. Esse dado reforça a importância de abordagens individualizadas, que respeitem a história de vida, o repertório cultural e a carga emocional de cada paciente, em vez da aplicação de protocolos rígidos e generalistas.

No plano social, chama atenção o papel da música como instrumento de combate ao isolamento. Há descrições de pacientes retraídos que, após atividades musicais, retomaram a interação com o grupo e passaram a manifestar maior sensação de pertencimento. Esse aspecto merece destaque porque desloca o cuidado do eixo estritamente sintomatológico para uma dimensão de reinserção comunitária, algo frequentemente negligenciado no manejo biomédico da doença (Neves, 2018; Sobral, 2018).

Sob o ponto de vista neurobiológico, alguns autores sugerem que os estímulos musicais podem favorecer reorganizações neurais e estimular a plasticidade sináptica. Esses mecanismos poderiam estar relacionados a melhorias em funções como memória e linguagem, além da redução de sintomas ansiosos e de irritabilidade. No entanto, é preciso reconhecer que boa parte das evidências disponíveis vem de estudos observacionais ou de ensaios com delineamentos frágeis, o que limita a extrapolação para a prática clínica. Faltam ainda investigações robustas que adotem protocolos controlados, randomizados e multicêntricos para confirmar esses achados. (Caldeira, 2024; Melo, 2014).

Outro ponto recorrente diz respeito ao impacto da musicoterapia nas relações interpessoais. As evidências indicam que o recurso favorece a aproximação entre pacientes, familiares e cuidadores, ampliando a comunicação e reduzindo a sobrecarga emocional de quem acompanha o idoso. A explicação parece estar no fato de que a música ativa circuitos cerebrais relativamente preservados, funcionando como um canal alternativo de contato quando a linguagem verbal já está comprometida. A diversidade de protocolos, embora dificulte comparações diretas entre estudos, pode ser interpretada como vantagem clínica, já que permite adaptações culturais e contextuais que reforçam o caráter humanizado da prática.

Em síntese, os achados analisados sugerem que a musicoterapia pode atuar em diferentes dimensões do cuidado, indo da redução de sintomas emocionais e comportamentais à promoção de cognição e sociabilidade. As limitações metodológicas persistem e não podem ser ignoradas, mas a convergência de resultados em torno do bem-estar e da qualidade de vida sustenta o interesse crescente pela inserção dessa abordagem em equipes multiprofissionais de saúde (Neves, 2018; Sobral, 2018; Peixoto, 2023; Caldeira, 2024; Melo, 2014).

Vale ressaltar, contudo, que a área precisa avançar para superar alguns impasses: a falta de padronização nos instrumentos de avaliação, a carência de ensaios clínicos no contexto brasileiro e a dificuldade em mensurar efeitos subjetivos como “pertencimento” ou “expressividade”. Futuras pesquisas poderiam se beneficiar de metodologias mistas, combinando escalas neuropsicológicas com narrativas qualitativas de pacientes e cuidadores, a fim de captar tanto os efeitos mensuráveis quanto os vividos. Só assim será possível afirmar, com maior solidez, o lugar da musicoterapia dentro das práticas baseadas em evidências no tratamento da Doença de Alzheimer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, nota-se que o estímulo musical, respeitando a individualidade de cada caso, tem um papel ativo na manutenção da plasticidade cerebral do paciente com Alzheimer, funcionando como uma barreira para o declínio cognitivo ocasionado pela doença. Além disso, pode ocasionar um alívio para sintomas comportamentais relacionados a ansiedade e depressão e melhoria da relação dos pacientes com cuidadores e familiares, corroborando para melhorias das fragilidades que o Alzheimer ocasiona ao comportamento humano, o que pode resultar em uma maior qualidade de vida para o indivíduo acometido.

REFERÊNCIAS

MAGALHÃES, M. et al. O uso de musicoterapia como tratamento alternativo para doença de Alzheimer: uma revisão sistemática. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 2, p. 2423–2431, 29 fev. 2024.

MELO, T. R.; MIOTTO, E. C.; MOREIRA, S. V. Musicoterapia, reabilitação cognitiva e doença de Alzheimer: revisão sistemática. **Brazilian journal of music therapy**, n. 17, p. 56-58, 2014.

PASSOS E MARTINS, H.; QUADROS, L. A música como agente terapêutico no tratamento da Doença de Alzheimer. **Psicol. pesq.**, v. 15, n. 1, p. 1-22, 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472021000100005. Acesso em: 07/08/2025.

PEIXOTO, C. C.; AMÂNCIO, N. F. G.; Os efeitos da musicoterapia em pacientes com doença de Alzheimer. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 1, e2012139279, 2023. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v12i1.39279>. Acesso em: 22 ago. 2025.

REIS, S.; MARQUES, M.; MARQUES, C. Diagnóstico e tratamento da doença de Alzheimer. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 5, n. 2, p. 5951-5963. 2022. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/46060/pdf>. Acesso em: 07/08/2025

SOBRAL, L. O. F.; ARAÚJO, L. C. A.; MOURA, T. A. O.; Musicoterapia como tratamento sintomatológico da doença de Alzheimer: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 12, e112101220010, 2021. DOI: <http://doi.org/10.33448/rsd-v10i12.20010>.